

3.º COLÓQUIO ANUAL INTERNACIONAL DA LUSOFONIA

CHRYS CHRYSTELLO

Australia Council, University of Technology, Sydney; ACL - Association for Computational Linguistics

Entre os dias 21 e 23 de Outubro de 2004, Bragança acolheu a 3.ª edição do Colóquio Anual Internacional da Lusofonia, que teve como propósito:

- a) Contribuir para a presença, difusão e consolidação da língua portuguesa, enriquecida pelas línguas minoritárias que persistem em Trás-os-Montes e noutras regiões do país;
- b) Explorar e analisar as questões da tradução como forma privilegiada de divulgação, expansão e revitalização da língua portuguesa no mundo;
- c) Analisar o ensino de português como língua materna e língua estrangeira (segunda).

Os Estudos de Tradução estiveram aqui presentes por três grandes motivos: o muito que está por fazer neste campo, o desajustamento dos cursos de tradução e interpretação em relação ao mundo do trabalho e as expectativas, muitas vezes irrealistas, dos nossos licenciados.

Do conjunto das intervenções, destacamos a de Maria d'Ajuda Alomba Ribeiro, que afirmou: «Quando nos referimos ao bidirecionamento do ensino de português a hispanofalantes ou do espanhol para falantes de português, seria de esperar que o alto índice de coincidências gramaticais favorecesse o aprendizado. Todavia, a proximidade entre as duas línguas e a relativa facilidade têm propiciado um dos maiores paradoxos da aprendizagem de línguas; se por um lado, a aquisição de uma L2 próxima à L1 é facilitada pelo seu compartilhamento estrutural, por outro, essa aparente facilidade gera efeitos prejudiciais no processo de aprendizagem, com a presença constante da interferência no processo de produção e a possibilidade da fossilização dos erros ou equívocos. Com a experiência de ensinar português para hispanofalantes em um contexto de não imersão, observo que essa proximidade do espanhol e do português permite que os falantes, tanto de português, como de espanhol, possam

comunicar-se com relativa facilidade. Essa relativa facilidade cria a ilusão de que ele é razoavelmente proficiente na língua-alvo e que, ressalvados os detalhes de acento, ele já “fala” a nossa língua. Esse “falar a nossa língua”, entretanto, é inequívoco. Ao analisar o texto do aprendiz de português, seja na modalidade oral ou escrita, observa-se diversas marcas de interferências lingüísticas do espanhol, o que compromete o falar bem ou escrever bem. Assim, podemos dizer que os conectores argumentativos são vias de acesso para que o aprendiz possa plantear um bom discurso escrito, já que esses conectores são responsáveis para marcar o sentido da argumentação. Comprovamos essa hipótese analisando os usos dos conectores argumentativos das composições dos hispanofalantes aprendentes de português fazendo uma comparação do português com o espanhol, para explicar como se desenvolvem o processamento cognitivo dos alunos e suas interferências geradas para construir a rede semântica do texto.»

A intervenção de Cecília Falcão, Cláudia Ferreira, Cláudia Martins, Fantina Pedrosa e Manuel Moreira da Silva intitulou-se «Recursos para a Tradução Técnica e Científica em Língua Portuguesa: Um Dicionário Terminológico em Geografia da População», dando conta das dificuldades com que os autores se depararam para completarem este trabalho.

Por fim, um orador salientou, acerca da sua experiência profissional: «Confrontei-me inúmeras vezes com a falta de consciencialização, a todos os níveis da comunidade, quer na Europa, quer na Austrália, sobre o papel e as capacidades dos T&T profissionais. Na maior parte dos casos, o que mais choca é depararmo-nos com pessoas não qualificadas a desempenharem um papel que só um profissional qualificado deve desempenhar, tal como acontece na maior parte das profissões. A esses amadores que impunemente se autodenominam tradutores e intérpretes devia ser dada a oportunidade de, num certo contexto temporal, obterem as qualificações necessárias, sem as quais não poderiam exercer livremente a profissão.

«Muita gente, ainda hoje, diz que trabalha como intérprete quando, na realidade, quer dizer que trabalha com pessoas bilingues sem qualificações. Além de insultuoso para os profissionais, este aspecto é responsável pela aleatoriedade dos preços que existem nos vários mercados. Para se evitar este estado de coisas, seria necessário que os países constituíssem uma Comissão Nacional de Acreditação e Reconhecimento de Qualificações, apoiada em legislação que limitasse o exercício da profissão aos profissionais, sem os biscateiros que pululam por aí.»

Porque a Lusofonia tem um futuro brilhante à sua frente, como escreveu o emérito linguista anglófono, Professor David Crystal — «O Português parece-me que tem um futuro forte, positivo e promissor, garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões e pela vasta variedade que abrange, desde a formalidade parlamentar, até às origens de base do samba» — fica aqui a promessa da realização de um novo Colóquio Anual Internacional da Lusofonia no próximo ano — um fórum no qual se debate a diversidade da língua portuguesa e o seu lugar no mundo, nas suas múltiplas vertentes. ■